



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**TATIANA MARTINS OLIVEIRA DA SILVA**

**A ORIGEM DO RACISMO: UM ESTUDO DE EXPRESSÕES MÉTAFORICAS NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO - PB**

REDENÇÃO - CE

2017

**TATIANA MARTINS OLIVEIRA DA SILVA**

**A ORIGEM DO RACISMO: UM ESTUDO DAS EXPRESSÕES MÉTAFORICAS EM  
LINGUA PORTUGUESA BRASILEIRA - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso superior de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Professora Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Meire Virginia Cabral Gondim

REDENÇÃO – CE

2017



## SUMÁRIO

1. RESUMO.....	5
2. APRESENTAÇÃO.....	6
3. TEMA.....	8
4. JUSTIFICATIVA.....	10
5. PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
6. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
7. REFLEXÕES METODOLÓGICAS.....	22
7.1 MÉTODO.....	26
8. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	29
9. REFERÊNCIAS .....	30

## **A ORIGEM DO RACISMO: UM ESTUDO DAS EXPRESSÕES MÉTAFORICAS EM LINGUA PORTUGUESA BRASILEIRA – PB**

O racismo como instrumento de poder, principalmente a parti do século XIX, possibilitou a subalternização da negritude por meio da conceptualização e a categorização de raça a parti de uma linguagem simbólica e metafórica que é opressiva aos negros. As metáforas negras oriundas do racismo epistemológico refletem a natureza cognitiva e corpórea das expressões metafóricas que trazem a branquitude ideológica como modelo de humanidade. Nosso objetivo é analisar e discutir o uso e a historicidade dos diferentes conceitos de negro nas expressões metafóricas que legitimam o racismo em língua portuguesa brasileira – PB. Para empreender esta análise, utilizaremos o conceito de “legitimação branca” e “Branquitude v.s. Negritude” de Frantz Fanon (2008), a teoria da Metáfora conceitual - TMC de Lakoff e Johnson (1980) e a “mestiçagem como um fenômeno de ascendência racial” de Camargo (2010). Pretendemos fazer uma interlocução entre esses três autores em busca das estruturas que formam as metáforas negras em língua portuguesa brasileira. Para tanto, utilizaremos como método de pesquisa o grupo focal e a entrevista semi-orientada. Este grupo será formado por quinze estudantes brasileiros e quinze estudantes estrangeiros advindos da África negra estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e mescla abordagens metodológicas da História e da Linguística Cognitiva. Contamos com o apoio da UNILAB – CE para realizar esta pesquisa.

**Palavras-chaves:** Racismo, Metáforas negras, Branquitude Ideológica, Linguística Cognitiva.

## 1 - APRESENTAÇÃO

O racismo institucional e epistemológico é um fenômeno observado e estudado atualmente no mundo inteiro. Ao contrário do que muitos teóricos defendem não é um fenômeno novo.<sup>1</sup> Ele se alastra desde o surgimento da colonização e tomou ainda mais força quando surgiu no âmbito da academia no século XIX<sup>2</sup>. Muitas obras ilustram isso, como a teoria da Evolução baseada no Macaco (MIRANDA, 2005) as teorias sobre o Egito Antigo (DIOP, 1971) os estudos sobre África (MIGNOLO, 2008), dentre outros. O racismo institucional (perpassado por instituições, órgãos governamentais, empresas e universidades que barram o acesso às pessoas de cor) e o racismo epistemológico (Produção de conhecimento que subalterniza ou ignora as questões da negritude em sua essencialidade) é algo mais que comum no Brasil. (GROSFOGUEL, 2007) (MUDIMBE,1988).

No contexto da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), a única universidade internacional, interiorizada e voltada para negros no Brasil, procuramos atentar para as questões da negritude e sua historicidade. Sendo influenciada pelo contexto dos países africanos que compõem a CPLP e observando a magnitude do racismo instaurado não somente na academia global como no Brasil e em suas relações sociais, nos atentamos para o cerne destas manifestações em língua portuguesa.

Os estudos que envolvem a língua portuguesa brasileira (PB) neste século XXI são eminentemente brancos. Queremos dizer com isso que desde a gramática até as áreas que envolvem análise do discurso passam uma mensagem de “neutralidade” em questão de raça perante o estudo do PB. Mesmo quando é sobre negros e é um trabalho de desconstrução, esse trabalho não é feito por pessoas negras. Só mais recentemente é que a população “negra” em sua começou a ter acesso

---

<sup>1</sup> Tragtenberg (1979) em sua obra “delinquência acadêmica” discute o espaço de produção de conhecimento dentro da universidade, conhecimento este ligado as elites e supostamente neutro, universal e verdadeiro. Dentro dessas verdades e neutralidades da academia que surgem os fenômenos ditos como novos, dentre eles o racismo.

<sup>2</sup> Com o início da divisão em áreas de estudo na ciência no século XIX, vários estudos científicos tentaram explicar o super. desenvolvimento da Europa, supostamente branca em relação a população negra nas américas e na África. A hegemonia ocidental (branca) foi construída sobre este racismo científico do século XIX (o Darwinismo social na américa latina é discutido por teóricas como Marisa Miranda (2005). Estudos como o de SILVEIRA (1999) em sua obra “os selvagens e a massa papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental ilustram bem o papel do racismo científico na consolidação do racismo na ciência.

à universidade. Podemos constatar isso nos inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a negritude sem os negros e no fato de que a cada quatro pessoas no Brasil formadas na graduação, apenas uma é negra.<sup>3</sup> Tendo estes fatores em mente, iniciamos um projeto de pesquisa que atentasse para as questões da negritude no Brasil e que trouxesse à tona problematizações importantes para o estudo das manifestações do racismo em Língua Portuguesa.

A trajetória inicial deste projeto de pesquisa consistiu no contato e estudo com as populações africanas do Sul junto a Historiografia africana e do contato e pesquisas na Linguística Cognitiva (LC). Ao observarmos a carência de estudos que unifiquem essas duas áreas da Ciência nesse tema e a falta de um aprofundamento<sup>45</sup> das questões raciais tratadas em língua portuguesa no Brasil, atentamos também para o quanto a branquitude ideológica domina os espaços acadêmicos. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) cerca de 53% da população brasileira é negra, contudo os espaços de estudo das relações raciais e da linguística Cognitiva são predominantemente brancos. Mesmo quando os trabalhos acadêmicos são realizados por pessoas negras, a branquitude ideológica construída dentro dessas pessoas e dos espaços acadêmicos onde elas frequentam, não permitem uma problematização mais aprofundada do racismo epistemológico, institucional e ideológico vinculado e histórico no Brasil.

O racismo como sistema institucional e epistemológico inferioriza e torna naturalizada a relação de inferioridade entre negros e brancos. Para FANON (2008, p. 14), o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Os falantes do PB são socialmente colonizados para enxergar e categorizar o mundo racialmente. Os estereótipos de negritude advindos da colonização europeia no Brasil têm uma ampla base e aceitação tanto no meio social quanto no linguístico. Esse meio linguístico é construído em sua amplitude metaforicamente.

LAKOFF E JOHNSON (1980) afirmaram que a metáfora se faz presente em nosso cotidiano. Ela permeia nossos pensamentos e ações e não se limita apenas ao ambiente linguístico.

---

<sup>3</sup><https://youtu.be/ufbZexu7E0>

<sup>4</sup> Realizamos uma pesquisa no Google Acadêmico e ao digitar as palavras “Linguística Cognitiva”, “Racismo” e “branquitude ideológica” aproximadamente apareceram 210 resultados de artigos, todos estes relacionados com a área da análise do discurso, porém nenhum que unifique todos os temas apresentados.

<sup>5</sup> Palavra mencionada primeiramente por Paulo Freire para representar uma educação que gerasse epistemologias condizentes com a nossa realidade social, está inserida em sua obra” FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 52. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

Nosso sistema conceitual, do qual pensamos e agimos, é metafórico por natureza. Isto está exemplificado em muitas metáforas conceituais como TEMPO É DINHEIRO, AMOR É VIAGEM etc. Essas metáforas são formas de estruturar os conhecimentos cognitivos e socioculturais. Como o racismo é uma forma hegemônica de subalternizar as populações negras, esse tipo de estereotipização está expressamente construído metaforicamente e é nesta questão que esse projeto de pesquisa irá se ocupar.

## 2- TEMA

Muitos teóricos e cientistas defendem que a “colonização” brasileira acabou no século XIX e que os eventos suscetíveis foram as relações tensas de poder entre Brasil e Portugal.<sup>6</sup> Podemos observar também nessas correntes teóricas que a língua portuguesa de Portugal se sobrepôs gramaticalmente sobre a língua portuguesa brasileira. No entanto, essa imposição gramatical e colonial passou longe de ter um mero caráter de poderio sobre a língua portuguesa brasileira e tampouco acabou no seu ínterim no século XIX. Se referindo ao período controverso entre a separação do português brasileiro e o português de Portugal, obtemos que

As tensões do momento podem ser sintetizadas na polaridade entre a defesa da manutenção dos veículos culturais e políticos com Portugal e a defesa da autonomia linguística brasileira. Os puristas, representantes do primeiro polo, defendiam o combate à corrupção do idioma a todo custo. Os nacionalistas, no outro extremo, argumentavam pela necessária política da afirmação nacional, amplamente justificada pelos movimentos impostos ao histórico de independência de um país colonizado que, embora rejeitando o afastamento da América, debatia-se pelo reconhecimento da superioridade cultural e linguística branca de origem dessa nação miscigenada (VAREJÃO, 2009, p. 122).

Nessas tensões entre a separação do português de Portugal - PP e do português do Brasil – PB, obtemos dois fatores importantíssimos. O primeiro deles é que se desejava no Brasil e ainda se deseja manter um elo linguístico fortíssimo com Portugal decorrente da colonização e das relações de poder. Segundo que esse elo linguístico é um elemento puramente racial, ligado ao fato de os portugueses deterem uma “hegemonia branca” e hierarquicamente superior ao Brasil devido

---

<sup>6</sup> Um exemplo desse tipo é o livro de Armando Luiz Cervo et al, Depois das caravelas: As relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000, publicado no ano 2000.



a sua suposta “miscigenação”. Esse elo seria relevante para manter as origens linguísticas “brancas” do Brasil. Tendo identificado isso, afirmamos que o racismo como sistema hegemonicamente construído para a inferiorização das representações de negritude é uma concepção puramente ideológica.

Segundo FANON (2008), o capitalismo como principal veículo de propagação da branquitude e das suas simbologias, fundamenta a esperança de todos os povos não-brancos de ser tornarem tão ricos e perfeitos quantos os europeus. Para isso ocorrer é necessário que a colonização forneça uma linguagem opressiva aos negros. Essa linguagem opressiva está bem fundamentada nas origens “brancas” do português brasileiro, doravante PB. FANON (2008) afirma que “a colonização requer mais do que a subordinação material de um povo. Ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem” (FANON, 2008, p. 15).

Essa linguagem opressiva aos negros é o meio pelo qual as pessoas se comunicam e se expressam. O caráter ideológico do racismo consiste em fazer as pessoas construírem representações da negritude com base na branquitude europeia. Essa construção ideológica do racismo se manifesta diretamente na linguagem, já que esta é o meio pelo qual as pessoas constroem os significados cognitivamente (LAKOFF E JOHNSON, 1980).

Assim o racismo é construído dentro da colonização em caráter ideológico por meio da dominação da linguagem e dos meios culturais de comunicação (FANON, 2008). Isso significa que o racismo é uma forma de categorizar e subalternizar racialmente os negros e qualquer pessoa que demonstre ou pratique “algum hábito ou cultura própria de negros”. Dessa forma, procuramos entender como a colonização domina os espaços das expressões linguísticas via metáfora na medida em que racializa e subalterniza ideologicamente os negros.

Para apreender esse caráter ideológico do racismo representado pela linguagem, precisaremos apreender também a natureza conceitual da metáfora. A construção do significado das expressões metafóricas que veiculam o racismo e uma abordagem sócio histórica baseada em BAKHTIN (1975) é uma das bases-alvo desse projeto de pesquisa para além da compreensão da história e da semântica da língua portuguesa nos séculos XIX e XX. Em virtude de compreender que a linguagem tem o poder ideológico de penetrar na sociedade e que essa penetração acontece mais facilmente por expressões metafóricas, nosso objetivo geral é analisar e discutir o uso de

expressões metafóricas na disseminação do racismo na língua portuguesa brasileira. Como objetivos específicos, pontuamos os seguintes:

- 1- Investigar as diferentes concepções de racismo numa perspectiva pós-colonial e suas manifestações na linguagem a partir da separação e formação do Português Brasileiro no século XIX e sua consolidação no século XX.;
- 2- Identificar as expressões metafóricas que expressam o racismo ideologicamente construído através do protagonismo branco.
- 3- Analisar sob uma abordagem histórica abordagem sócio histórica baseada em BAKHTIN (1975) e linguística (teoria da metáfora conceitual), as possíveis origens das metáforas negras com intuito de significá-las (entender a sua interpretação no meio social) em seu contexto de produção.
- 4- Compreender como as bases coloniais que indicam o porquê de os negros utilizarem de forma recorrente essas metáforas de cunho racista.

A seguir, iremos justificar a relevância de nosso estudo.

### **3- JUSTIFICATIVA**

No campo da Linguística Cognitiva observamos várias áreas de estudo, desde as que se preocupam em analisar a metáfora como um recurso da linguagem do cotidiano (LAKOFF E JOHNSON, 1980) até as que se preocupam em desconstruir uma semântica tradicionalista que vincula um não cognitivista da semântica (TALMY, 2000). No entanto, não observamos nenhum estudo no campo das “minorias”, por exemplo que aborde o processo de categorização, metáfora conceitual ou mesmo semântica cognitiva com enfoque em negros, indígenas, deficientes físicos etc.

Nos últimos anos, observamos que o estudo na área das mulheres tem crescido em várias áreas, principalmente por causa dos movimentos feministas, contudo mesmo no campo da Linguística Cognitiva, ainda são escassos os estudos relacionados nessa área. Isso talvez seja devido ao fato de que a área da Linguística Cognitiva é nova e nasceu no berço do eurocentrismo americano, em que “minorias” são tratadas com pouca importância acadêmica. Aliás, devido a

padronização sexual, acadêmica, eurocentrada e branca de muitos teóricos da LC, seu lugar de fala é bem destacado quanto ao trato de questões de terceiro mundo.

Em vista dessas razões, pensamos em objetivar um estudo no campo da Linguística Cognitiva correlacionado com o campo das Humanidades, mais especificamente no campo dos estudos da Metáfora Conceitual que fuja das epistemologias do Norte e <sup>7</sup> vise sulear as <sup>8</sup> questões da Metáfora Conceitual. Ao buscar as formas de mapear e categorizar as “metáforas negras”, estamos construindo uma epistemologia do Sul, ao trabalhar as manifestações de racismo na língua portuguesa sob o viés dessas duas áreas de conhecimento.

O interesse pelo suleamento das questões da linguística cognitiva se deve pelo contado com os estudos de África e sobre o racismo epistemológico advindo da colonização, estudado e pesquisado anteriormente por mim na universidade da integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). <sup>9</sup> Com os embasamentos e convivências com os alunos africanos, negros e diversas “minorias” que compõem a UNILAB, podemos construir um objeto de estudo que se encaixasse na linguística cognitiva ao passo que com a ajuda das humanidades, mais especificamente a História, as questões fossem suleadas e mapeadas para a negritude e suas construções históricas.

Para além disso, este estudo irá descortinar a forma como enxergamos a natureza do racismo ao o seu funcionamento em diversos níveis ideológicos por ser linguístico, institucional, histórico etc., e epistemológicos no campo da ciência ao se encaixar na linguística cognitiva, na história, na sociologia etc. Esses níveis ideológicos e epistemológicos só serão analisados de forma mais complexa com uma pesquisa que enfoque o funcionamento da linguagem para além da lógica eurocêntrica.

Ressaltamos que este projeto de pesquisa se justifica também pela natureza do seu reparo histórico. No cenário social brasileiro e mundial, muitos conhecimentos sobre a “natura mística” dos negros têm sido difundidos, inclusive na ciência, conhecimentos que constroem uma

---

<sup>7</sup> Quando nos referimos as epistemologias do Norte, estamos falando de uma maneira global de produzir conhecimento baseado nas experiências dos países ao norte do planeta, ou seja, acima da linha do equador que historicamente reproduziram sua supremacia através de colonizações, de imigrações, de políticas e de expansões econômicas

Sulear está no sentido de trazer para o Brasil, para o sul do Planeta, as epistemologias produzidas para e pelo Norte do planeta.

<sup>9</sup> Pesquisa apresentada por mim e pela Dr. a Meire Virginia Cabral Gondim na Uerj intitulada “Racismo pós-colonial: A mestiçagem que não explica o racismo em Brasil e Cabo-Verde.

negritude a partir do olhar de “brancos” e de uma África criada ideologicamente pela Europa<sup>10</sup>. Este projeto de pesquisa propõe um estudo do racismo por meio de expressões metafóricas em que essa visão “mística e embranquecida” sobre os negros seja deposta e reanalisada. Essa reanálise será realizada a medida em que entendermos que as metáforas negras <sup>11</sup>não são uma linguagem “própria de negros”, nem tampouco um binarismo social entre negros e brancos, mas sim uma ferramenta ideológica para a padronização da língua em torno da legitimação branca.

#### 4- PROBLEMATIZAÇÃO

Com intuito de problematizar as questões de racismo, em especial, a sua manifestação por meio de metáforas negras, remetemos à publicação de Gilberto Freire (1993), *Casa Grande e Senzala*. Essa obra foi um marco histórico da negação do passado com África e com os índios para a afirmação de uma miscigenação de três raças no Brasil, ao qual a língua portuguesa brasileira “sofrera herança”. Ao considerar a obra de FREIRE (1993), perpassamos os debates acadêmicos sobre colonização portuguesa que a obra de Freire defendeu e postulamos uma abordagem atual de sua tese a nível social e racial no país.

Antes de Freire, a mestiçagem era algo extremamente ruim, cogitava-se a devastação do país por uma mistura de negros, brancos e índios, existia até um plano que tendia a embranquecer a população por meio do aumento da população branca. <sup>12</sup>No entanto, ao aceitar a mestiçagem, na qual a obra de FREIRE (1993) ilustra bem isso, o racismo passou a assumir novas facetas no Brasil, ao invés de uma estratificação racial, em que negros e índios viveriam separados dos brancos, os mestiços seriam uma nova categoria racial, em que a negação do passado com África e com a negritude, os colocaria como semideuses no cenário racial do Brasil pós-colonial. Dessa forma, ao longo do tempo, a maior parte da população brasileira tendeu a se classificar como

---

<sup>10</sup> Kebengele Munanga (1999) em sua Obra “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra” discute a África construída ideologicamente a parti de um olhar de brancos no concernente a construção da nacionalidade brasileira.

<sup>11</sup> Palavra utilizada pela primeira vez por Vera Lúcia de Oliveira e Paiva em sua obra “Metáforas negras”, capítulo do Livro “Metáforas do Cotidiano”.

<sup>12</sup> Camargo (2010) é amplamente citado e discutido na obra de DOS ANJOS, Gabriele. A questão “cor” ou “raça” nos censos nacionais. Indicadores Econômicos FEE, v. 41, n. 1, 2013.

mestiça e branca ao invés de associar a sua origem com “africanos” e “índios”. Essa relação da negação da negritude, mesmo que, em tese, a maior parte da população brasileira ainda hoje seja “negra”, criou uma ascendência social “quase-branca”, em que mesmo a população autodenominada “negra” se acharia superior aos “negros africanos”, por pertencerem a uma suposta mestiçagem que os elevou racialmente para mais próximos possível da branquitude.

A título de curiosidade, uma exemplificação dessa elevação racial está nos índices do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ao qual o índice étnico-racial de 2010 indica um maior número de pessoas brancas e categorias auto classificatórias para “mestiço” do que em relação a outras categorias como preto e indígena. O interessante desse processo é que ele é auto classificatório e a população negra do Brasil, segundo o IBGE, é composta de pretos e pardos. O quadro a seguir exemplifica essa relação:

**Tabela 2.7 - Pessoas de 15 anos ou mais de idade, total e distribuição percentual por cor ou raça, nas 14 categorias mais frequentes, segundo as Unidades da Federação selecionadas - 2008**

Unidades da Federação selecionadas	Pessoas de 15 anos ou mais de idade							
	Total (1)	Distribuição percentual por cor ou raça nas 14 categorias mais frequentes (%)						
		Branca	Morena	Parda	Negra	Morena clara	Preta	Amarela
<b>Total</b>	<b>47 540 099</b>	<b>49,0</b>	<b>18,7</b>	<b>13,6</b>	<b>7,8</b>	<b>3,0</b>	<b>1,4</b>	<b>1,5</b>
Amazonas	2 158 153	16,2	40,5	23,3	3,6	8,6	1,7	1,6
Paraíba	2 755 674	31,9	37,6	10,9	4,3	8,1	0,7	0,8
São Paulo	30 616 595	51,4	17,0	14,5	8,9	2,1	1,3	1,9
Rio Grande do Sul	8 110 801	63,5	10,5	3,8	5,0	1,9	1,6	0,4
Mato Grosso	2 113 582	30,4	29,4	18,6	9,7	6,1	2,0	1,0
Distrito Federal	1 785 294	29,5	16,3	29,5	10,9	4,8	0,7	1,0

Fonte: [https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/default\\_raciais.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm)

Como ilustra esse quadro, o Brasil queria a todo custo tornar a mestiçagem uma ferramenta para o embranquecimento ideológico da população. “A mestiçagem foi promovida aqui à condição de categoria, assumindo claramente o sentido atribuído pelo branqueamento, qual seja o de diluição do sangue negro no cruzamento com os contingentes migratórios, que levaria ao gradual desaparecimento desta população” (CAMARGO, 2010, p. 243). Esse embranquecimento ideológico fica claro quando observamos as várias categorias mestiças aos quais as pessoas tentam se classificar. Essa mestiçagem também serviu de máscara para acobertar o racismo e teve forte

impacto sobre a língua portuguesa, uma vez que o caráter de “essencialidade racial” se manteve apesar da suposta mestiçagem. As quatro categorias em que o Brasil mais se encaixa para a definição racial são brancos, negro, indígena e mestiço, em si mesmas essas categorias já são essencializações, pois colocam toda a humanidade em grupos raciais de caráter “biológico”, sendo que isso pouco tem a ver com a genética e sim com a colonialidade.

. A relação entre esse caráter de essência para construção da mestiçagem que neste contexto de análise mestiço torna-se igual a negro nas escalas raciais que refletem o racismo é um dos fatores que pretendemos analisar. A mestiçagem já se origina de categorias também muito plurais e fixas, em que os indivíduos não transitam de suas categorias raciais. Como essas categorias fixas interferem no uso e na disseminação de metáforas negras, no sentido de que as a mestiçagem é uma transposição da categoria negro no Brasil, a construção do significado da metáfora negra assenta-se também no problema da mestiçagem que por natureza é um problema identitário.

O problema a ser analisado empiricamente assenta-se em torno de uma crise identitária, em que não se sabe a origem ou a que local pertence o Brasil e, portanto, a essência “mestiça” exprime essa relação identitária do Brasil. No entanto, o local onde se deseja pertencer é bem demarcado e fixo: o campo da branquitude. Branquitude esta que constrói estereótipos históricos sobre os negros e que se estrutura e que se manifesta amplamente por meio de metáforas. Entender a relação entre esses estereótipos e como as pessoas se categorizam racialmente nos dará uma resposta mais convincente sobre o porquê desses estereótipos serem tão comumente utilizados pela base autodeclarada negra do Brasil e serem ainda mais disseminados pelos “mestiços”, apesar da do racismo impregnado nessas metáforas ser “gritante” em algumas expressões da língua portuguesa.

Para empreender essa faceta mestiça do Brasil (uma ascendência racial para a superação da “africanidade brasileira”), torna-se necessário o domínio da língua do colonizador (no caso o PP), o esmagamento e a negação total ou parcial de qualquer herança ou língua étnica africana para a construção da nova identidade racial e linguística dos “negros brasileiros”. Verificaremos que a busca incessante pelo domínio “correto” da língua portuguesa de Portugal e o embranquecimento ideológico por meio da “mestiçagem” implantou e facilitou o uso de metáforas que veiculam o racismo. Primeiro porque a variante dominante do PB é altamente colonial e eurocentrada e, segundo que para se ascender racialmente e adentrar no que era considerado

“população intelectual” tinha que se apropriar da “linguagem branca”. Acreditamos que seja possível enxergar essa “linguagem branca” por meio das expressões metafóricas no PP antes de ter-se formado o PB num estudo filológico. A filologia que seria o estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, baseado em documentos escritos nessas línguas ao longo da História (PEILE, John. 2008), questionamento que não será abordado neste trabalho, constitui-se uma área útil para explicar as possíveis origens das expressões metafóricas do PB quando se separou colonialmente do PP. Contudo, como as metáforas negras se situam na atualidade como uma forma de racismo linguístico, nós permaneceremos com a Linguística Cognitiva e com a História para tentar explicar este fenômeno mais que vigente no ocidente e no Brasil.

O interessante desse cenário sócio racial que a população negra brasileira, apesar de ter sido colonial e historicamente incentivada a se tornar branca, não alcançou os privilégios da elite branca do PB e do PP. FANON (2008) afirma que esse é um fenômeno chamado “ilegitimidade”, isto é, quando a população negra se esforça ao máximo para se branquear ideologicamente, por uma questão da estratificação de classe e de outros fatores de segregação, uma vez que essa população não é bem aceita e nem acolhida nos espaços de privilégio. Mesmo com a elevação racial e com a continuidade da subalternização colonial por meio da inferiorização da raça, as metáforas negras continuaram sendo amplamente difundidas entre a população negra e a população branca. Esse fenômeno será algo que também tentaremos explicar com um estudo mais aprofundado.

A construção racial difundida por meio da “mestiçagem” como categoria de ascendência racial conseguiu um fenômeno ainda mais extraordinário que foi não só difundir as metáforas racistas para a população negra do Brasil como também tornar isso um processo tão natural ao ponto de não percebermos e nem nos interessarmos pelo racismo linguístico manifesto por expressões metafóricas.

As metáforas negras da língua portuguesa, que serão abordadas neste projeto de pesquisa, demonstram o processo colonizador impregnado em todo e qualquer região que teve contato com os impérios ultramarinos da Europa. Empreenderemos em explicar como se criou categorias não exatamente raciais, baseadas na biologia, mas construídas ideologicamente do que comporia um negro, sua origem, sua cultura e principalmente em como “civilizá-lo”. Esse processo de subalternização construído cognitivamente via metáfora tornou-se natural, uma manifestação

linguística cultural ao ponto de serem pronunciadas também entre os negros. Esse processo mostrou-se também como uma forma de os negros se autopoliciarem para atingir uma linguagem mais “branca” e aceita.

## 5- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta seção abordaremos os pilares teóricos que darão suporte as nossas análises. Conforme mencionado anteriormente recorreremos a Teoria da Metáfora Conceitual - TMC desenvolvida por LAKOFF E JOHNSON (1980), autores que estudam na perspectiva da Linguística Cognitiva bem como vertentes que analisam o racismo como FANON (2008).

A Teoria da Metáfora Conceitual - TMC desenvolvida por LAKOFF E JOHNSON (1980) afirma que as metáforas são uma constituinte da realidade e que nós representamos e construímos o mundo metaforicamente. A metáfora, segundo Lakoff e Johnson em sua obra *Metaphors We live by*, é de cunho experiencialista e possui uma base corpórea, isto quer dizer que é por meio de nossas experiências, de nossas relações sociais e culturais que (re)construímos o mundo. As formas de representação deste universo são produzidas via metáforas que aliam essa experiência com nossa atuação corpórea, agregados com a percepção humana. Assim,

As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados ‘conceitos’. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas, que, sendo recorrentes e co-recorrentes, geram metáforas que subjazem à nossa forma de falar. (LIMA, 2001, p. 108)

As metáforas advindas do nosso processo mental de conceitualização do mundo concreto, são uma operação cognitiva, que permeia a linguagem humana e permite construir o mundo concreto através da conceitualização das experiências com o este mesmo mundo. Essas experiências também são corpóreas no sentido de que quando nascemos, o contato com o mundo externo faz-nos construir conceitos por meio da atuação de nosso corpo e com os objetos ao nosso redor. A história da humanidade, suas relações sociais e culturais participam da construção dessas metáforas.



Como as metáforas carregam nossas percepções do mundo, elas também exprimem os valores de determinada sociedade. Por exemplo, a metáfora ontológica “inflação é um adversário”. A personificação da expressão “inflação” para torna-la uma experiência humana com a qual possamos lidar, remete-nos aos valores do nosso tempo presente. A construção desse tipo de metáfora e exemplificada através da metáfora conceitual INFLATION IS NA ADVERSARY.

A metáfora INFLATION IS AN ADVERSARY justifica algumas ações políticas e econômicas por parte de governos ao estabelecerem metas e medidas. Na verdade, destacam os autores, a personificação é uma categoria geral que cobre uma ampla variedade de metáforas, cada uma delas destacando diferentes aspectos de uma pessoa ou o modo como a percebemos. A personificação é uma extensão das chamadas metáforas ontológicas, que torna possível nossa compreensão respeito de alguns fenômenos do mundo em termos humanos. (MOREIRA, 2011, p. 6)

A metáfora INFLAÇÃO É UM ADVERSARIO, como uma experiência concreta da nossa realidade, em que INFLAÇÃO é um inimigo a ser combatido, é uma construção sociocultural do presente. INFLAÇÃO em nossa sociedade é algo que afeta a economia de mercado e a população pobre, que sendo a maior parte da sociedade, sofre seus efeitos. Queremos postular com este exemplo que apesar de as metáforas retratadas por LAKOFF (1980) exprimirem valores sócio históricos construídos ao longo da história da humanidade, esses valores, o modo cognicente dessas pessoas ainda são vigentes em nossa sociedade. Em que os conceitos concretos são retirados da realidade presente dos indivíduos. Esta postulação para além de ser uma afirmação de que sua teoria é boa ou ruim, situa o trabalho pioneiro de LAKOFF E JOHNSON (1980) como um lugar de fala específico. A aparente neutralidade concernente ao estudo dessas metáforas não dever ser encarada como uma construção epistemológica universal, a vida humana é composta de muitas vertentes e cada metáfora estudada pela LC tem uma postura epistemológica por de trás dela, assim como as metáforas negras também estão sendo propostas nesse trabalho com um lugar de fala definido, no caso, a preocupação com as questões do racismo.

O mesmo pode ser dito da metáfora conceitual “tempo é dinheiro”, essa metáfora que também dá origem a inúmeras expressões metafóricas, traz um conceito de dinheiro vinculado ao capitalismo e não ao feudalismo por exemplo, o mesmo se aplica a concepção de “tempo” vinculada nessa metáfora, tempo aqui é entendido como tão precioso quanto o dinheiro, ao ponto

de ser necessário trocar “força de trabalho por dinheiro”, novamente uma concepção contemporânea do capitalismo. INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO e TEMPO É DINHEIRO” são duas metáforas conceituais que refletem o modo de pensar da atualidade (Exemplificação) e esses valores assim como podem variar de cultura para cultura, eles também variam no tempo, dependendo de qual sociedade estamos falando. Apesar de sua teoria trabalhar com metáforas contemporâneas, as concepções teóricas, aos quais ele postulou, são extremamente importantes para captar no tempo, os esquemas imagéticos, as metáforas conceituais que se originaram durante a colonização brasileira.

Lakoff e Johnson são os percussores da Linguística Cognitiva que surgiu para se opor a visão clássica da metáfora advinda desde os tempos da Grécia antiga com Aristóteles. Lakoff e Johnson deram outro sentido ao significado e ao estudo da metáfora na área da linguística. Se contrapondo a visão clássica do Gerativismo de CHOMSKY (1975) que pregava uma abordagem essencialista e autônoma da língua, A Linguística Cognitiva – LC, corrente teórica da linguística que surgiu em 1980, inaugurada por LAKOFF E JOHNSON (1980), FILMORE (1975), LANGACKER (1987) e outros destronava a noção de metáfora literária e adentrava na vertente de metáfora conceitual;

As metáforas conceituais são em larga medida responsáveis pela nossa “topologia cognitiva”, influenciam à nossa maneira de agir e realizam-se quer em obras de natureza artística quer em instituições, mitos e práticas sociais. Estas realizações refletem a estrutura do nosso sistema conceptual e simultaneamente reforçam-na, oferecendo novas bases, na experiência, para a validade destas metáforas (além da experiência biológica, também as criações humanas podem proporcionar uma base experiencial). (AMARAL, 2001, p. 246)

Essas metáforas conceituais são como matrizes das expressões metafóricas. No exemplo já citado da metáfora conceitual “INFLAÇÃO É ADVERSÁRIO”, origina-se diversas expressões metafóricas que caracterizam a inflação, como um inimigo a ser combatido. Essas metáforas conceituais podem surgir de diversas vivências humanas, sejam elas biológicas, culturais ou míticas. Dessa forma, a teoria da metáfora advoga que usamos dados da experiência mais concreta como adversário para entendermos conceitos mais abstratos como inflação.

Para compreendermos com essa teoria está alinhada a LC, recorremos a uma definição da abordagem da Linguística Cognitiva.

(...) uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (SILVA, 1997, p. 59).

Tendo posto o conceito de Linguística Cognitiva, como uma corrente teórica dentro da linguística preocupada com a cognição e com as experiências corpóreas, iremos colocar alguns contrapontos teóricos a respeito desta, para adentrarmos na teoria que gera as metáforas negras. Voltando ao fato das metáforas apresentadas por Lakoff e Johnson e seus percussores serem contemporâneas, no sentido de que esses valores são vigentes no ocidente, consideramos as metáforas negras como não contemporâneas. Ambos os tipos de metáfora, tratados sob o viés da linguística cognitiva, são valores culturais e sociais historicamente construídos, contudo, os valores culturais e sociais que as metáforas negras remetem, são as ideias do passado, o falante ao pronunciar as metáforas negras acessa sua “memória histórica” para ter acesso aos juízos de valor, esquemas imagéticos e até metáforas conceituais que participavam da noção de espaço-tempo na época da colonização brasileira, em que se entendia que os negros viviam de fato de um jeito selvagem, desordeiro e não-eurocentrado. Essas metáforas são valores e ideias de um ocidente embranquecido e renascentista, que via a África e a negritude associado a ela, como algo a ser combatido, nesse sentido expressões metafóricas como “samba do crioulo doido” por exemplo, exprimem valores que remetem a essas concepções do passado e não aos valores da contemporaneidade. As concepções que as metáforas negras trazem não são concepções atuais, no sentido de que sua significação literal pode ser inexistente em alguns casos, como na metáfora “meia tigela”.

Esses valores associados à escravidão e ao passado são utilizados na atualidade no sentido de que são usados para categorizar e excluir racialmente as pessoas através da condenação de algum hábito ou cultura que se entendia ser própria de negros. Por exemplo, na expressão metafórica “samba do crioulo doido”, remete-nos à representação de “bagunça, desordem”. O falante, ao utilizar essa metáfora, acessa conhecimentos históricos implícitos nela, como o fato, por exemplo, de saber que “crioulo” e “negro” são a mesma coisa e de que “um negro sambar” é sinônimo de “bagunça e desordem”. Obviamente, se perguntamos as pessoas atualmente, se ser negro e sinônimo de ser bagunceiro, elas provavelmente irão dizer que não. Existem diversas

pessoas que são bagunceiras e desordeiras, porém não são negras, no entanto esse juízo de valor atrelado na expressão metafórica “samba do crioulo doido” é um valor trazido desde os tempos da colonização da América portuguesa, onde possivelmente os negros eram associados a “bagunça e desordem” quando realizavam suas festas culturais, atos religiosos ou quando faziam rebeliões. Nesse sentido, o tipo de conhecimento sociocultural associado nas metáforas da linguística cognitiva tratadas por LAKOFF E JONSON (1980) diferem dos tipos de conhecimentos “históricos” associado nas metáforas negras, dada a natureza dessa metáfora específica concernente a temporalidade. A ideologia de que toda pessoa negra que “samba é bagunceira” são construções do ocidente para um modelo civilizatório de branquitude que está “para dentro” e não “para fora”.

Conseguimos mapear o esquema imagético para a maior parte das metáforas em que tentaremos estudar. Esquemas imagéticos são

esquemas de imagem e de movimento – portanto, imagético cenestésicos – são estruturas cognitivas formadas ao longo do desenvolvimento ontogenético do indivíduo, construídos a partir de suas interações com o ambiente. O termo imagético, ou seja, pertinente a imagens, deve ser entendido como referente a imagens de diferentes naturezas (visual, auditiva, olfativa, gustativa e tátil). Assim, tais esquemas incorporam imagens das percepções pertinentes aos diversos sentidos em atuação com o meio-ambiente (GONDIM, 2012, p. 32).

Para exemplificar o funcionamento do esquema imagético dentro das metáforas negras, utilizaremos o esquema imagético “dentro e fora”. Como seres humanos, nós temos um corpo e este corpo segundo a LC tem uma percepção do que está para dentro e do que está para fora. Então ao utilizarmos a expressão metafórica “eu vomitei você da minha vida”, estamos utilizando o esquema imagético “dentro e fora” e a metáfora conceitual: CORPO É RECIPIENTE.

Tendo dito isso, algumas das metáforas negras das quais tentaremos nos apropriar, são propiciadas pelo esquema imagético dentro e fora, contudo, de uma perspectiva diferente. Lakoff e Johnson afirmam que os esquemas imagéticos são experiências corpóreas quase universalizadas mais que podem variar de cultura para cultura, porém defendemos que o esquema imagético “dentro e fora” e outros esquemas imagéticos de que ainda não demos conta que licenciam as metáforas negras, são como uma coletividade do que é familiar e aceito e do que estranho e inaceitável dentro da sociedade brasileira. Explicando melhor, tudo o que está para dentro é bom, aceitável e familiar e tudo o que está para fora é estranho, desconhecido e ruim. Sendo assim, é

como se existisse um modelo de civilização branca que está “para dentro” e, portanto, é bom e aceitável e um modelo de civilização negra que está “para fora” que é ruim e deve ser combatido a todo custo. Por exemplo, na expressão metafórica, “Inveja branca”, representamos o primeiro lado do esquema imagético “para dentro”, em que está seria uma inveja aceitável, contudo este termo está em oposição a uma “inveja negra” que seria inaceitável, algo a ser combatido.

Notamos que a maioria dos esquemas imagéticos de que tentaremos nos apropriar são históricos no caso das metáforas negras, pois a relação com o corpo não só varia de cultura para cultura, ela também varia na questão do tempo histórico, como falamos anteriormente. Na época da colonização brasileira, os povos escravizados vindos da África eram entendidos como “selvagens”, que precisavam ser catequizados e “civilizados”, essa ideia de civilização ficou tão marcada no Brasil ao ponto de virarem expressões metafóricas estruturadas cognitivamente na mente. O esquema imagético principal que norteia essa ideia de “civilização” é o esquema imagético “dentro e fora” e ele só pode ser entendido em sua lógica hoje, estudando como que esse esquema imagético era usado em seu contexto de uso no passado, nesse sentido, podemos perceber que a expressão metafórica “inveja branca” está dentro desse esquema, pois naquela época entendia-se que invejar as pessoas era “coisa de negro” e que isto está “para fora” de um padrão de comportamento considerado familiar, enquanto ter uma “inveja branca” era sinal de civilidade, totalmente aceito dentro da sociedade, ou seja “para dentro”. “Inveja branca” é, portanto, uma expressão metafórica ligado a metáfora conceitual BRANCO É HUMANO.

Outro exemplo mais familiar para os teóricos da TMC seria a expressão metafórica “chuta que é macumba”, mais uma vez observamos o conhecimento “histórico” de que “fazer macumba é coisa de negro”, ao qual o falante tem acesso ao proferir essa metáfora. Essa expressão metafórica é associada ao mesmo esquema imagético “dentro e fora”, mas está mais visível para um estudioso da LC por apresentar a palavra “chuta”, que exprime um ato de rejeição contemporâneo, “para fora”. Contudo, quando acessamos o conhecimento “histórico” ao qual está metáfora está associada, observamos que fazer “macumba” era um hábito cultural entendido como “próprio de negros” e sua origem estava provavelmente na crença popular durante o Brasil colônia, de que o negro fazia feitiçarias dentro das encruzilhadas e que essas feitiçarias deveriam ser excluídas ou eliminadas. Então, atualmente, quando um falante do PB afirma “chuta que é macumba” provavelmente ele está condenando um ato ou cultura que se entendeu ser “próprio de

negros”. Ambas as expressões metafóricas “inveja branca” e “chuta que é macumba” advém da metáfora conceitual BRANCO É HUMANO.

Em síntese, queremos afirmar que as metáforas negras das quais tentamos nos apropriar participam dos esquemas imagéticos tanto quanto as metáforas estudadas na LC, contudo as metáforas negras no quesito esquema imagético “dentro e fora”, exprimem um modelo civilizatório branco e eurocentrado familiar que está “para dentro” e portanto é humano e um modelo civilizatório negro e “afrocentrado” que está “para fora” e que não é humano, essa relação do esquema imagético nem sempre é visível e óbvio como na expressão metafórica “chuta que é macumba” porque as metáforas negras veiculam conhecimentos, experiências corpóreas e esquemas imagéticos do passado (pode ser percebida com um estudo cuidadoso que pretendemos realizar com este projeto de pesquisa) mas também pode ser apreendida em expressões metafóricas de esquema binário, como “inveja branca”.

Além de compreendermos o esquema imagético inerentes às metáforas negras, teremos que compreender conceito de racismo que iremos trabalhar dentro das metáforas negras. Apesar de ser um clássico e de que muitas pessoas consideram a obra “pele negra, máscaras brancas” de Frantz Fanon ultrapassado, esta obra faz todo o sentido no cenário brasileiro quando afirma o aspecto primordial da colonização.

A colonização requer mais do que a subordinação material de um povo. Ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem. identificamos isso em termos radicais no cerne da linguagem e até nos métodos pelos quais as ciências são construídas. Trata-se do colonialismo epistemológico (FANON, 2008, p.15).

Esse colonialismo epistemológico, ao qual Fanon destaca como sendo um modo colonialmente gerado de ver e entender o mundo, está expressamente fundamentado no nosso cotidiano e é tão forte e presente que torna o racismo “quase biológico” em nossa maneira de enxergar as pessoas. Essa maneira naturalizada de ver o racismo, segundo Fanon, adveio da dominação da língua do colonizador e quando dominamos uma língua dominamos também o mundo que ela expressa (FANON, 2008, p. 34), assim quando aderimos oficialmente ao

“português” do Brasil, como ressaltamos anteriormente, adentramos na lógica do pensamento eurocentrado. Nessa lógica tornara-se necessário “preservar as origens brancas do PB” e como tínhamos dito anteriormente a maneira mais lógica de preservar essas origens era na disseminação do colonialismo epistemológico, colonialismo este, que tem uma ampla base eurocentrada e branca. As expressões metafóricas que exprimem o racismo histórico e colonial são uma prova empírica desse colonialismo na língua portuguesa brasileira e a obra de Fanon, exprime muito bem as relações racistas dentro da lógica colonial.

“O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27), com isso Fanon quis afirmar que o modelo civilizatório que temos na nossa sociedade ocidental é eminentemente branco, essa referência ao “branco” não diz respeito apenas a cor de pele especificamente, mas como um modo de ser e viver “branco”, baseado no eurocentrismo, isso está largamente expresso quando pensamos nas cores que representam a bondade e a maldade, por exemplo na cor de pele de Deus e na cor de pele do Diabo e como representamos tudo que é ruim como sendo “preto” (MUNAGA, 2005). É como se ser branco fosse sinônimo de “ser humano” como explica Fanon e as pessoas que “se reconhecem” como negras estão obcecadas em alcançarem essa branquitude a todo custo.

No caso do Brasil essa lógica racial é um pouco diferente. O IBGE erra ao afirmar que 53% da população brasileira é negra, por que essas pessoas apesar de serem de fato negras, não são necessariamente afrodescendentes e esse é um contraponto que colocaremos neste trabalho, não se reconhecem como sendo negras. Então, a lógica do “racismo à brasileira” toma novos rumos a parti daí, por que se parte de um problema identitário, o Brasil não quer ser uma população negra, afirmamo-nos como mestiços e essa mestiçagem coloca uma linha de superioridade entre “os mestiços” brasileiros e os “negros africanos”. E como se os “africanos tivesse sangue 100 % negro” e os brasileiros só tivesse uma fração desse sangue, colocando-os, portanto, numa escala racial superior aos negros africanos e como semideuses no cenário racial do ocidente. Isso se reflete em como as metáforas negras são utilizadas, pois este processo não visa inferiorizar os “negros brasileiros”, apesar de na prática o fazerem, este processo visa ressaltar a “inferioridade negra” vinda da África em relação a uma superioridade “branca e mestiça” instaurada no Brasil, refletir este tipo de afirmação faz-se necessário uma análise metodológica para obter esses resultados e comprová-los cientificamente, o que trataremos no próximo subtópico.

## 6- REFLEXÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa qualitativa como determina CRESWELL (2010) “mostra diversas perspectivas que variam desde o pensamento de justiça social (DEZIN E LINCOLN, 2005) até perspectivas ideológicas (LATHER, 1997), posturas filosóficas (SCHWANDT, 2000) e diretrizes procedurais sistemáticas (CRESWELL, 2007, COBIN E STRAUSS, 2007), (CRESWELL, p. 208). Sendo a pesquisa qualitativa preocupada com a variabilidade dos contextos culturais e sociais que se tornaram cada vez mais fragmentados (HALL, 1992), este tipo de pesquisa é a mais adequada para analisar as metáforas negras. Isso por que elas abrangem como já falado anteriormente, uma cultura e entendimento de mundo do passado colonial do Brasil e por ser uma concepção puramente ideológica do ser “negro” e da lógica do racismo, a pesquisa qualitativa possibilita a formulação de diversos métodos para entender este fenômeno.

Como metodologia de pesquisa dentro da pesquisa qualitativa, utilizaremos como pano de fundo metodológico, para um estudo teórico, a Pragmática.<sup>13</sup> Como ponto de partida para entender a natureza do fenômeno linguístico que são as metáforas negras, para a Pragmática, as palavras não teriam significados, elas conteriam os significados, ou seja, os significados são produzidos pelos seus contextos de fala. A abordagem pragmática funcionaria no uso de metáforas como

uma abordagem pragmática será baseada na pressuposição que o conteúdo metafórico dos enunciados não será obtido por princípios de interpretação semântica, a semântica fornecerá apenas o significado literal ou convencional das expressões envolvidas, a partir daí, somando-se os detalhes do contexto, a pragmática terá de fornecer a interpretação metafórica (LEVINSON, 1983, p. 156).

Para o caso das metáforas negras, a pragmática torna-se essencial, já que as significações estão amparadas na memória histórica da língua portuguesa, será necessário apreender o significado metafórico por meio dos seus contextos de uso e não de significações semânticas pré-

---

<sup>13</sup> um ramo da significação dada pela semântica e pela sintaxe, observando o contexto linguística que analisa o uso concreto da linguagem pelos falantes da língua em seus variados contextos. A pragmática extrapola a extralinguístico em que estão inscritas; ou seja, ocupa-se da observação dos atos de fala e suas implicações culturais e sociais - <http://portugues.uol.com.br/redacao/pragmatica.html>



estabelecidas. O caráter essencialista das palavras será descartado para este objeto, sendo as metáforas negras tendo sua interpretação fornecida pela pragmática, o significado metafórico é mais importante do que o significado literal, visto que o significado metafórico é o que com tem o racismo e sua associação ao literal seria o entendimento de quais situações, ações ou objetos estão ligados a este significado metafórico e, portanto, ao negro.

OLIVEIRA E PAIVA (1998), em sua obra “metáforas negras”, único trabalho similar a este, estabelece um critério de análise útil para se entender as metáforas negras utilizando-se a pragmática: “descrever o processo como as metáforas são construídas e incorporadas ao repertório dos falantes, até mesmo daqueles que sofrem preconceitos por elas difundidos” (OLIVEIRA E PAIVA, 1998, 107). Acrescentaríamos que seria importante para analisar os contextos de uso, a historicidade destas palavras, ou seja, a que comportamentos, hábitos ou culturas elas estão relacionadas tendo em vista que as metáforas negras são subdivididas em dois grandes grupos ilustrados no quadro a seguir:

<b>Metáforas associadas claramente a negritude através da palavra negro (a)</b>	<b>Metáforas associadas a negritude por meio de comportamentos, cultura ou objeto que se entende ser própria de “negros”</b>
Negra maluca	Samba do crioulo doido
O dia está negro	Você é meia tigela
Magia negra	Cabelo ruim
Buraco negro	Chuta que é macumba
Mercado negro	Mulata
A coisa tá preta	“cor de pele”
Denegrir	Da cor do pecado
Lista negra	A dar com pau
Ovelha negra	Nasceu com um pé na cozinha/pessoa que é rebelde
Mão negra	Moreno (a)

Serviço de preto	Amanhã é dia de branco
Negra (o) de beleza exótica ou “traços finos”	Nasceu com pé na senzala
Barriga suja	
O lado negro da força	
Negro de alma branca	
Não sou tuas negas	
Inveja branca	
Negro depois que pinta é por que já passou dos três vezes 30	
Boi da cara preta	

Observando esses dois grupos de metáforas negras fizemos a primeira distinção metodológica, nesse primeiro grupo, seriam expressões mais explícitas, trariam a palavra “negro” claramente associada a negatividade, como nos casos de “o lado negro da força”, serviço de preto” etc. Já o segundo grupo, o falante acessa conhecimentos históricos da língua para dar significação a metáfora, então por exemplo a expressão metafórica “meia tigela” se referia ao tempo em que os escravos quando se rebelavam ou não trabalham satisfatoriamente ganhavam apenas meia “tigela”, assim “meia-tigela” estaria com o significado de “miserável, medíocre<sup>14</sup>”. Notemos que se essa expressão metafórica se referisse a valores contemporâneos, meia-tigela teria outros contextos de uso, por que a cultura ocidental valoriza a magreza como modelo de corpo perfeito.

A proposta metodológica deste trabalho consistiria dessa forma em produzir um método que em primeiro lugar, conseguisse fazer um levantamento bibliográfico das culturas negras que viviam na época do Brasil colônia para entender o sentido das metáforas negras na atualidade e em segundo lugar, uma Categorização e organização dessas metáforas dentro dos parâmetros da linguística cognitiva, pois partimos do pressuposto de que se são expressões metafóricas, elas se oriundam de metáforas conceituais. Postulamos que as metáforas negras

<sup>14</sup> A etimologia de algumas palavras racistas foi pesquisa por um professor da educação básica no Rio de Janeiro, matéria disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/professor-reune-apelidos-racistas-cria-projeto-contrapreconceito-9412251>.

estejam esquematizadas dentro de uma linguagem conceptual e corporificada. As experiências humanas que geram essas metáforas são referentes aos 300 anos de escravidão no Brasil e a inferiorização do continente africano propagado pelo ocidente durante todo o período colonial e a modernidade.

Para poder alcançar estes dois pontos, precisamos desenvolver uma pesquisa qualitativa exploratória, que consiste em “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou formular hipóteses” (GERHARDT, Tatiana et al. 2009, p. 35). Para fazer o levantamento bibliográfico sobre como a cultura negra era entendida no século XVII até o século XIX, teremos que empreender em uma pesquisa descritiva e explicativa a respeito das metáforas negras, sob o viés da Linguística Cognitiva. O objetivo da pesquisa descritiva é “descrever os fatores e fenômenos de determinada realidade” (GERHARDT, Tatiana et al. 2009, p. 35), no caso os contextos de fala ao qual as metáforas negras estão vinculadas. A pesquisa explicativa que consiste em “identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de determinados fenômenos” (GERHARDT, Tatiana et al. 2009, p. 35) serviria para apresentar quais contextos de uso e como essas metáforas são construídas dentro da sociedade moderna brasileira. A seguir, teceremos comentários acerca do método.

## **6.1- MÉTODOS**

O método dessa pesquisa consistirá em uma primeira etapa, uma pesquisa bibliográfica para apurar conhecimentos e hábitos culturais que as pessoas entendiam ser própria “dos negros” na época do Brasil colônia e para isso faz-se necessário um levantamento de obras, documentos históricos e mesmo obras historiográficas que retratam ou remontam a cultura escrava e o entendimento dessa cultura escrava. Em uma segunda etapa, a pesquisa se dará com uma entrevista com grupo focal, em que reuniremos 30 pessoas de diferentes nacionalidades. Os grupos seriam compostos de brasileiros e africanos alunos da Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

A entrevista será semi-orientada por meio de perguntas que retomem as situações de fala que geralmente são associadas aos negros. Por exemplo, ao encontrar um quarto extremamente bagunçado, geralmente a pessoa classificaria a atitude de “bagunçar” a expressão metafórica

“samba do crioulo doido”. É esse tipo de contexto que pretendemos analisar, a quais situações do cotidiano estão relacionadas cada uma das metáforas negras e a partir daí partiremos para a formulação de teorias que expliquem o fenômeno com base na linguística cognitiva e na História.

## LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

HOLANDA, Sergio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1955.

**INTRODUÇÃO A LINGUÍSTICA COGNITIVA**. São Paulo: Contexto, v. 7, n. 2, 22 jul. 2013. Mensal. Disponível em: <[revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/download/6932/3873](http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/download/6932/3873)>. Acesso em: 18 abr. 2016.

JUNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

PETRUCELLI, José Luís et al. **Características Étnico-raciais da população: Classificações e identidades**, IBGE, Rio de Janeiro, 2013.

VIEIRA, Leonardo. **Professor reúne apelidos racistas e cria projeto contra preconceito**. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/professor-reune-apelidos-racistas-cria-projeto-contrapreconceito-9412251>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Patrícia. Metáfora e Linguística Cognitiva. In: SILVA, A. S. **Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2011. p. 241-261.

CRESWELL, J. W. **Projetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Sage, 2010

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008. 193 p. Tradução de Renato da Silveira

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 34. ed. Rio De Janeiro: Record, 1933. 768 p.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. **Métodos de Pesquisa**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

GONDIM, Meire Virginia Cabral. **Modelos Cognitivos: um estudo intercultural das concepções de violência em jovens brasileiros e franceses**. 2011. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Bordeaux, 2012. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8251/1/2012\\_tese\\_mvcongondim.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8251/1/2012_tese_mvcongondim.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2016.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari.

LAKOFF, George; JOHNSON, Marck. *Metaphors We live by*. 5. ed. London: The University Of Chicago Press, 2003. 180 p

VAREJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. **O Português do Brasil: Revisitando a História**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, v. 5, n. 39, 25 nov. 2009. Mensal. Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa.

LIMA, Paulo Lenz Costa. Produção de Sentido: Estudos interdisciplinares. In: MORAES, Feltes. *Metáforas e Linguagens*. São Paulo: Annablume, 2001. p. 155-180.

MOREIRA, Ronaldo de Freitas. **Alguns aspectos sobre as Metáforas de Lakoff e Johnson**: Resenha de: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980. p.3-34. Minas Gerais: Epcar, 2011. 6 p. *Metaphors we live by*. Disponível em: <[http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes\\_interdisciplinares/pdf/revista07/ALGUNS\\_ASPECTOS\\_SOBRE\\_AS\\_METAFORAS\\_DE\\_LAKOFF\\_E\\_JOHNSON.pdf](http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista07/ALGUNS_ASPECTOS_SOBRE_AS_METAFORAS_DE_LAKOFF_E_JOHNSON.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2011.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Metáforas Negras*. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. p. 105-119.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades, Portugal- Braga*, v. 1, n. 1-2, p.59-101, 14 nov. 1997. Mensal.